



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de fechamento da operação de capitalização da Petrobras e início do pregão da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)**

**São Paulo-SP, 24 de setembro de 2010**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu querido Guido Mantega, ministro da Fazenda,  
Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,  
Alexandre Padilha, ministro de Relações Institucionais,  
Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação [Social],

Meu caro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, e quero, José Sergio, aproveitar e cumprimentar toda a diretoria da Petrobras que está aqui presente,

Meu caro Edemir Pinto, diretor-presidente da BM&F, por intermédio de quem cumprimento todos os diretores dessas instituições,

Quero saudar os membros do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República, aqui presentes,

Quero saudar os diretores de bancos aqui presentes: do Banco do Brasil, do Bradesco – com quem eu estive agora –, do BNDES, da Previ,

Quero cumprimentar meus companheiros dirigentes sindicais aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E dizer para vocês que eu quero, em primeiro lugar, agradecer a Deus por estarmos vivendo este momento. Eu acho que Deus foi muito generoso neste momento, não pessoalmente comigo, mas com o Brasil, com o povo brasileiro, que há muito tempo esperava a chance de ser respeitado no mundo como nós somos hoje. E isso se deu à custa de muito trabalho. Muito trabalho,



e eu quero manifestar a minha alegria em comparecer a esta Bolsa, no momento em que ela se torna um ponto de referência de um singular capítulo do desenvolvimento brasileiro.

É importante lembrar que eu vim aqui em 2003. A Bolsa de Valores movimentava naquele tempo, quem sabe, 200 bilhões por ano. Hoje a Bolsa está movimentando quase 2 trilhões por ano, quase 2 trilhões. A Bolsa tinha o equivalente a 14 mil pontos em 2003. Hoje ela tem 70 mil pontos, ou seja, a mudança foi extraordinária. Portanto, eu quero que vocês saibam que o Brasil está muito orgulhoso do Brasil neste dia 24 de setembro, na primavera de 2010.

Nós estamos participando da maior oferta de ações já registrada na história econômica mundial que acontece aqui nesta Bolsa verde e amarela, com uma empresa em cujo nome reluz o interesse nacional: a nossa querida Petrobras.

Ao contrário do passado, não estamos aqui para debilitar o Estado ou alienar o patrimônio público. Um Estado fraco nunca foi sinônimo de uma iniciativa privada forte. O que se materializa aqui é a decisão soberana de uma sociedade de capitalizar o seu futuro, o futuro do seu sistema produtivo em benefício das gerações do presente e das gerações que virão depois de nós.

No próximo 3 de outubro, a festa democrática das urnas coincidirá com a festa histórica dos 57 anos de existência da nossa Petrobras. Maior empresa da América Latina, uma das maiores companhias do mundo, a Petrobras é um trunfo extraordinário para o desenvolvimento do Brasil.

É preciso lembrar que em nenhuma crise internacional nossa economia ficou sem petróleo. A consciência política de sucessivas gerações criou esse patrimônio público estratégico, soube defendê-lo quando esteve ameaçado, e consolida hoje um novo marco histórico com essa capitalização.

O empenho extraordinário que nos levou à autossuficiência pavimentou a descoberta dos campos do pré-sal e comprovou, mais uma vez, a



competência brasileira para explorar essa riqueza com tecnologia de ponta sem equivalência no mercado internacional. A maior descoberta de petróleo dos últimos 30 anos permite-nos agora ampliar o canteiro de obras do presente e fortalecer os alicerces do futuro.

A capitalização é uma das salvaguardas criadas pelo governo para evitar que essa riqueza se perca num labirinto de desperdícios e interesses equivocados. Seu destino é sagrado. Trata-se de impulsionar a competitividade do sistema econômico para garantir um longo ciclo de desenvolvimento, capaz de erradicar de vez a pobreza na vida do nosso povo. Mas, sobretudo, trata-se de universalizar a educação pública de qualidade que garanta um mesmo ponto de partida para todos os filhos da nossa terra.

Nunca tínhamos assistido a uma convergência feliz como essa, de uma economia com a base industrial que temos e uma reserva estratégica de recursos com a dimensão do pré-sal. Não por acaso a palavra Brasil se apresenta hoje aos olhos e ouvidos do mundo como sinônimo da fronteira mais promissora do desenvolvimento no século XXI. Tivesse emergido em outros tempos, esse patrimônio poderia ter sido alienado; alienado na voragem de liquidações impostas pelo estrangulamento de uma economia fragilizada e no vazio de um Estado dissociado dos interesses nacionais. Hoje, ao contrário, é uma riqueza que se incorpora naturalmente à solidez de um percurso em marcha. O investimento produtivo bate recordes e lidera a expansão de nossa economia; a infraestrutura retornou à agenda das prioridades nacionais; multiplicam-se cada vez mais os canteiros de obras por todas as regiões; o emprego, o crédito, a demanda avançam em sintonia com um inquebrantável compromisso de solidez monetária e fiscal.

O que temos em mãos é superior a todas as oportunidades que já foram propiciadas pela nossa história. Somos protagonistas privilegiados dos sonhos e projetos pelos quais tantos brasileiros e brasileiras se mobilizaram e não poucos deram a própria vida: o sonho de um Brasil de todos. Estamos muito



mais confiantes. O país que todos nós herdamos chegará mais próspero, livre e justo aos que vierem depois de nós.

Eu quero – meu querido Gabrielli, meu querido Estrella, que eu vi aqui agora há pouco, que é o nosso diretor que vai buscar o petróleo lá embaixo, no fundo – contar aos companheiros da Bolsa o dia que me liga o Gabrielli e diz que tem uma grande novidade para me contar, e marca uma data comigo em Brasília. E às sete horas da noite chegam o Estrella e o Gabrielli na minha sala, com um monte de papel, para dizer que tinham descoberto um tal de petróleo numa tal de camada pré-sal. E me mostraram os mapas, os estudos, e disseram que esse petróleo estava a mais de seis mil metros de profundidade, e pediram para eu não contar para ninguém, que eles não iam contar para ninguém. Então eu fui para casa, não contei nem para a Marisa. No outro dia, eu li o jornal, estava no jornal. Essa tal de “fonte” conseguiu dizer para o Brasil o que eu não queria dizer para a dona Marisa.

De lá para cá, eu quero dizer para vocês que foram momentos gloriosos: momentos de autoafirmação da Petrobras enquanto empresa tecnologicamente competitiva; a afirmação da engenharia da Petrobras; a afirmação dos técnicos da Petrobras, dos nossos geólogos; a afirmação dos funcionários. Eu, quando pus esta camisa aqui, era para que não fosse apenas o Presidente da República falando. Faz de conta que aqui está um trabalhador da Petrobras que está na plataforma agora; ou um daqueles mais humildes que está fazendo limpeza; ou, quem sabe, alguém que está trabalhando em algum pregão do mundo a esta hora, gritando que nem um maluco naquele megafone: “Sobe, desce, vale tanto, perdi, ganhei...” Eu, se fosse trabalhar no pregão, ficava louco, ou iria ser pastor evangélico, que a gente fala menos e grita menos.

Mas, de qualquer forma, eu queria que vocês soubessem que a alegria de estar aqui não tem tamanho. Não tem tamanho porque... eu estava vendo o Presidente da Bolsa falar, estava ouvindo o discurso dele e estava imaginando: quem diria que eu viria à Bolsa de Valores ouvir o que eu ouvi aqui hoje. Isso



só pode ser uma dádiva de Deus. Só pode ser uma dádiva de Deus porque, dez anos atrás eu passava aqui na porta da Bolsa, as pessoas tremiam de medo: “Onde é que vai esse comedor de capitalismo?”. E exatamente esse comedor de capitalismo deixa a Presidência da República, depois de oito anos, como o Presidente que participou, de forma honrosa – com o Presidente da Petrobras, com o Presidente da Bolsa, com o Vice-Presidente da República, com o Ministro da Fazenda, o Ministro de Minas e Energia e com vocês –, do momento mais auspicioso do capitalismo mundial. E aí, Guido, a gente tem que dizer o seguinte: nunca antes na história da Humanidade nós tivemos um processo de capitalização da envergadura que a nossa Petrobras está fazendo aqui hoje.

Para alguns, para alguns parece pouco; para outros parece nada. Para mim parece tudo o fato deste ato estar se dando numa Bolsa com a cara verde e amarela, chegar aqui com a bandeira verde e amarela, e dizer ao mundo: não foi em Frankfurt, não foi em Londres e não foi em Nova Iorque. Foi em São Paulo, na nossa Bovespa, que a gente consagrou o maior processo de capitalização da história do capitalismo mundial.

Um grande abraço. Parabéns à Petrobras, parabéns à Bovespa, e parabéns ao povo brasileiro porque nós fizemos por merecer chegar a este momento. Um abraço.

(\$211A)